

Alfredo Margarido

Para a Ana Maria de Almeida
e a Lélia Parreira Duarte

POEMA DE/DAS MINAS

Não há escuridão que possa ocultar
a dura perfeição dos rostos
talhados na pedra e no tempo
nos olhando para lá de todos os acidentes
quando descemos lentamente os degraus
que nos conduzem ao vazio da história:
nos dizemos os nomes, as datas,
nos encontramos na encruzilhada da interpretação
todavia não será com homenagens, nem com prémios
que descobriremos a densidade da acção.

Certo as casas lembram não sei que Portugal,
e nas ruas densas ouve-se ainda um vago sotaque português
mas já as cores são brasileiras:
o azul, o turquesa, o ocre, o castanho,
até um terra de siena extremamente terno
dando para uma praça onde os homens
se começam a reconhecer brasileiros
com seus tiques, seus sotaques, seus movimentos
tão já separados de não sei que nuvem portuguesa.

Não quero saber se as telhas foram importadas,
nem se no sangue de Francisco Lisboa havia sangue português:
vejo apenas a espessura deste sangue correndo na pedra
e lhe dando uma estatura tão brasileira que o movimento do braço
me descreve a densidade dos meandros brasileiros
como as molduras das janelas, com suas geometrias,
dão à nuvem uma forma nova que ninguém conhecera ainda.
Tão suavemente brasileiro o espaço assim inventado,
que nos transforma nos corpos da sesta na rede Índia
olhando pela janela da cozinha a goiabeira
com suas folhas, seus frutos, sua espessura americana.

Me direis que há um modelo que deve definir tudo,
mas para nós descendo lentamente a encosta rude,
vendo na carranca da pedra a marca de não sei que animais
ocultos, inchando a pedra, impondo ao músculo do pedreiro,
ao seu cinzel, uma certa maneira de bater a pedra até descobrir
a autenticidade da forma que nenhum português ousara sonhar,
o que parece inteiro é apenas o Brasil
já separado do português, já inteiramente inventado.

O ouvido se deixa arrastar pelo tempo, se instala
entre os musgos, os líquenes, entre as bananeiras, a espessura da jaqueira
quando as cabeças renunciam às cabeleiras empoadas
para se assumir na diferença física e afirmar a beleza natural
do cabelo:
tão certo é que a conspiração inconfidente modifica também os
[Corpos
e constrói esta espessura da burguesia que não quer mais ser dominada.
Se na Casa dos Contos uma sala lembra Cláudio Manuel da Costa,
me sinto sobretudo atraído pela massa destes burgueses
já convencidos da necessidade de ser apenas brasileiros.

Mais passos ainda recumbindo na raiva da impotência,
me descubro assim entre dois continentes, entre dois povos,
renunciando à sombra portuguesa para escutar apenas o rumor brasileiro
ouvindo apenas esta voz ainda inédita que me arrasta para este tempo novo
Me deixo seduzir pela imprecisa firmeza deste espaço
onde descubro os farrapos da tirania(tão incertamente desaparecidos!)

Mas não será outra voz a que ouço no rês-do-chão da Casa dos Contos,
com suas máquinas de torturar, com a rudeza obscura das prisões,
onde outros homens se consomem na esperança de recuperar a dignidade?

Espressa é a sombra no reduto da morte de Cláudio Manuel da Costa,
tão idêntica à sombra onde os corpos anônimos se torcem nas mã-
[quinas de torturar!

Aqui me encontro com a dimensão do tempo, com a terrível densidade da
[história,
que quisera esquecer entre o tecido bordado das pedras e da ma-
[deira,
entre guirlandas onde os anjos gorduchos cantam o louvor do Eterno.
Nenhuma rosa consegue todavia ocultar a formidável explosão do sangue
quando os homens explodem com a veemência dos que querem libertar-se.
Não sinto nem o ouro, nem as minas, apenas força dos esmagados
e caminhamos no meio do tumulto das vozes iradas, queixosas, esperançasadas,
e se nos detemos no pequeno restaurante onde nos servem a fei-
[joada mineira
é para procurar reduzir a veemência do choque que continuo a sentir
quando em cada pedra encontro a marca de outros pés:
conspiradores uns, escravizados outros, brasileiros todos.

Ouro Preto/Belo Horizonte/Paris

Setembro/Novembro 1980